

O Evangelho Segundo MATEUS

Comentário Sobre o Novo Testamento

F. B. Hole

O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS – *Comentário Sobre o Novo Testamento*
F. B. Hole

Título do original em inglês: **The New Testament Commentary** – *Matthew* Texto
obtido com autorização de STEM Publishing

Primeira edição em português – Julho 2019

Abreviaturas utilizadas:

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1969

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB - Tradução Brasileira - 1917

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB 1994

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.

MATEUS 1

A redação do primeiro versículo do Novo Testamento direciona nossos pensamentos de volta ao primeiro livro do Velho Testamento, na medida em que **“geração”** é a tradução da palavra grega *genesis*. Mateus em particular, e todo o Novo Testamento em geral, é **“O livro da ‘gênesis’ de Jesus Cristo”**. Quando nos referimos a Gênesis, descobrimos que o livro se divide em onze seções, e todas elas, menos a primeira, começam com uma declaração sobre **“gerações”**. A terceira seção começa: **“Este é o livro das gerações de Adão”** (Gn 5:1); e todo o Velho Testamento desvenda para nós a triste história de Adão e sua raça, terminando com o terrível uso apropriado da palavra **“maldição”**. Com quão grande alívio podemos passar das gerações de Adão para a **“geração de Jesus Cristo”**, porque aqui encontraremos a introdução da *graça*; e sobre *essa* nota o Novo Testamento termina.

Jesus é imediatamente apresentado de duas maneiras. Ele é **“Filho de Davi”** e, portanto, a *coroa* real que Deus concedeu originalmente a Davi, pertence a Ele. Ele também é **“Filho de Abraão”**, portanto, Ele tem o título da *terra* e toda a *bênção* prometida está empossada n’Ele. Tendo afirmado isso, recebemos Sua genealogia, de Abraão, até José, o marido de Maria. Esta seria sua genealogia oficial, de acordo com a contagem judaica. A lista dada é notável por suas omissões, já que três reis, intimamente ligados à infame Atália, são omitidos no verso 8; e o resumo das **“quatorze gerações”**, apresentado no verso 17, mostra que não é uma omissão acidental, mas que Deus Se nega e Se recusa a considerar os reis que surgiram mais imediatamente dessa devota da adoração de Baal.

É notável também, que apenas os nomes de quatro mulheres são trazidos para Sua genealogia, e que esses nomes não eram exatamente o que poderíamos ter esperado. Dois dos quatro eram gentios, o que deve ter sido um tanto prejudicial para o orgulho judaico: ambas eram mulheres de fé marcante, embora uma delas tivesse vivido na imoralidade que caracterizava o mundo pagão. Do outro nome não sabemos nada além do que é bom. Os outros dois nomes vieram da descendência de Israel, mas ambos os registros eram ruins, e não sabemos nada que seja definitivamente honroso. De fato, o nome de Bate-Seba não é mencionado; ela é apenas a **“que foi mulher de Urias”**, proclamando assim sua desonra. Então,

novamente tudo é prejudicial para o orgulho judeu. A genealogia de nosso Senhor não acrescentou nada a Ele. No entanto, garantiu Sua genuína Humanidade, e que os direitos conferidos a Davi e Abraão eram legalmente Seus.

Mas se os primeiros 17 versículos nos asseguram que Jesus era realmente um Homem, os versículos restantes nos asseguram igualmente que Ele era muito mais do que um Homem – exatamente o Próprio Deus, presente entre nós. Por um mensageiro angélico, José, o marido comprometido com Maria, é informado de que o futuro filho dela é o fruto da ação do Espírito Santo e que, quando nascido, Ele deve levar o nome de Jesus. Ele salvará o Seu povo dos pecados deles, portanto, o Salvador deve ser o Seu nome. Somente Deus é capaz de nomear em vista de realizações futuras. Ele pode fazer isso e quão plenamente esse grande Nome foi justificado! Que colheita de humanidade salva será colocada no celeiro nos dias por vir; todos eles salvos de seus pecados e não meramente do julgamento que seus pecados mereceram! Apenas **“Seu povo”** é salvo assim. Para conhecer Sua salvação, é preciso estar inscrito entre *eles* por fé n’Ele.

Assim foi cumprida a previsão de Isaías 7:14, onde uma indicação clara havia sido dada da grandeza e poder do Salvador que estava por vir. Seu nome profético, **“Emmanuel”**, indicou que Ele deveria ser Deus manifestado em carne – Deus entre nós de uma forma muito mais maravilhosa do que jamais Ele havia Se manifestado no meio de Israel, nos dias de Moisés, muito mais maravilhosa também do que a maneira com que Ele estava com Adão nos dias anteriores à entrada do pecado no mundo. Os dois nomes estão intimamente conectados. Ter Deus conosco, sem estarmos salvos dos nossos pecados, seria impossível: Sua presença apenas nos abateria em julgamento. Ser salvo de nossos pecados, sem que Deus fosse trazido até nós poderia ter sido possível, mas a história da graça teria perdido sua principal glória. Na vinda de Jesus, temos os dois. Deus foi trazido para nós e, ao serem removidos nossos pecados, fomos levados a Ele.

MATEUS 2

Os versículos de abertura do capítulo 2 lançam uma luz forte e perscrutadora sobre as condições que prevaleciam naqueles dias entre os judeus encontrados em Jerusalém – os descendentes daqueles que haviam retornado sob Zorobabel, Esdras e Neemias. O Rei dos judeus havia nascido em Belém e ainda por semanas eles não sabiam nada sobre isso. O fato de Herodes, o rei, estar em ignorância, não era de todo surpreendente, pois ele não era israelita, mas um idumeu. Mas dentre todas as pessoas, os principais sacerdotes deveriam estar informados deste grande evento para o qual eles professamente estavam esperando – o nascimento do Messias. Em Lucas 2, encontramos que o evento foi revelado desde o céu, dentro de algumas horas no máximo, a humildes almas que temiam ao Senhor. O salmista nos disse que: **“O segredo do Senhor é para os que O temem”** (Sl 25:14), e isso é exemplificado nos pastores e outros; mas os líderes religiosos em Jerusalém não estavam entre estes, mas entre os **“soberbos”** a quem os homens chamavam de **“bem-aventurados”**. (Mt 3:15-16). Consequentemente, eles estavam em trevas tanto quanto o perverso Herodes.

Mas há algo pior do que isso. Não é de se surpreender, mais uma vez dizemos, que Herodes tenha ficado perturbado quando ouviu a notícia, pois aqui estava aparentemente um rival pretendente ao seu trono. No entanto, lemos que Herodes **“perturbou-se, e toda Jerusalém com ele”**. Portanto, o advento do Salvador não produziu júbilo, mas perturbação entre as próprias pessoas que professavam estar esperando por Ele! Evidentemente, então, algo estava terrivelmente errado, já que era apenas a repercussão de seus instintos pervertidos. Eles não O tinham visto; Ele ainda não havia feito nada: eles apenas sentiram que Seu advento significaria a ruína de seus prazeres em vez do cumprimento de suas esperanças.

No entanto, esses homens eram bem versados em suas Escrituras. Eles foram capazes de dar uma resposta rápida e correta à investigação de Herodes, citando Miquéias 5:2. Tinham o conhecimento que incha, e assim não sabiam nada como deveriam conhecê-lo (1 Co 8:1-2), e colocaram seu conhecimento a serviço do adversário. O **“grande dragão vermelho”** (Ap 12:3-5) do Império Romano, cujo poder foi investido localmente em